

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Diário do Comércio

Class.: 302

Data: 29.09.89

Pg.: _____

Empresas & Negócios

Projeto ecológico na

Edição de textos: Marta Cardoso

Ilha do Bananal

Ricardo Viveiros

Quando em 31 de dezembro de 1959, o então presidente Juscelino Kubitschek, criou o Parque Nacional do Araguaia abrindo a Ilha do Bananal, o assunto virou música carnavalesca de sucesso no ano seguinte: "Índio qué apito, se não dé pau vai comê", foi o refrão cantado nos salões por todo o Brasil. No último sábado, às vésperas de completar 30 anos, o ato de Kubitschek foi lembrado por poucos entre os presentes à ilha, por ocasião do lançamento do Projeto Ecológico Ilha do Bananal, uma iniciativa do Governo do Estado do Tocantins viabilizada pela empresa NCV Realizações Culturais. Afinal, a ilha já não é a mesma de três décadas atrás. Invasa por posseiros brancos que, de forma acentuada, devastam florestas para formar pastos onde criam, sob o beneplácito da Funai, seus rebanhos bovinos, a ilha é habitada por índios carajás que resistem e lutam pela sobrevivência e posse exclusiva desse território. E não são apenas pequenos posseiros, como afirmam as autoridades; os índios desmentem enfaticamente essas declarações apresentando guias de recolhimento de uma espécie de imposto que, na verdade, não só revela o porte avantajado de alguns desses fazendeiros mas, também, representa o "direito adquirido" de permanecerem ali, explorarem comercialmente as terras.

Os índios não querem mais o apito reclamado na letra da marchinha; seres aculturados, na sua quase totalidade, estão distantes daqueles que, em 1946, o geógrafo Tibor Sekelj documentou no convívio feliz com aves, peixes e animais exóticos, em trabalho publicado pelo Conselho Nacional de Geografia. Atualmente, há carajás bem informados sobre a realidade brasileira, como o líder Idjarruri, que afirma: "A Ilha do Bananal está passando por um processo de devastação que precisa ser contido. Tenho ouvido brancos dizerem que os índios são os seus maiores predadores. Isso é mais uma grande mentira. Não é justo sermos condenados por isso". Bem vestido, com roupas sóbrias e finas, falando um português correto e de maneiras polidas, Idjarruri mantém a coragem do índio e arremata irônico: "Não foram os índios que fizeram as moto-serras, aplicaram o mercúrio nos rios, construíram as hidroelétricas, usaram os agrotóxicos".

Para atender às pretensões indígenas, bem como objetivando proteger a fauna e a flora da Ilha do Bananal, o Governo do jovem Estado do Tocantins, através da NCV Realizações Culturais — uma empresa especializada em realizar projetos com o apoio da iniciativa privada através da Lei Sarney —, levou à ilha no último dia 23 de setembro, diversos empresários, ecologistas, intelectuais e jornalistas para o lançamento do Projeto Ecológico Ilha do Bananal.

Esta, que é a maior ilha fluvial do planeta, com 20 mil km² de extensão, única surgida durante a era quaternária, representa um patrimônio brasileiro em termos de fauna e flora, tem relevantes belezas naturais e inegável importância cultural ligada à vida dos índios, às margens dos rios Araguaia e Javaés.

O empresário japonês Tokiyoshi Yano, presidente da indústria Nissin-Ajinomoto, era um dos presentes entusiasmado com o projeto. Indagado sobre sua adesão, respondeu: "Tudo é possível. Estive aqui para conhecer, observar. Nosso produto é alimento e, estamos convencidos, permite um bom casamento de imagem com a preservação da natureza. O homem se preocupa mais com a economia do que com a ecologia, no mundo atual. É preciso buscar o equilíbrio para que a humanidade tenha futuro".

Entre as etapas do projeto, previstas no curso de seu desenvolvimento, estão o levantamento do potencial ecológico, a recuperação das espécies animais extintas ou em vias de extinção (lobo-guará, tatu-canastra, onça pintada etc.), a construção de centros de pesquisas, a guarda e preservação da ilha, o florestamento e reflorestamento das espécies vegetais nativas, a preservação e recuperação da cultura indígena, a construção de alojamentos dentro de conceitos arquitetônicos integrados ao meio ambiente etc. Resta saber se, conforme demonstrou no pronunciamento feito ao desembarcar no destacamento da Força Aérea Brasileira em Santa Isabel do Morro, o governador Siqueira Campos, do Estado do Tocantins, irá trabalhar no sentido de não só defender a Ilha do Bananal mas, acima de tudo, reconhecer na prática o direito do índio à terra que, apesar de tudo, é ainda "um poema de amor à vida" como definiu, emocionado, o poeta Thiago de Mello.